

COLEÇÃO

ESTADO  de SÍTIO

**PIERRE CHARBONNIER**

# ABUNDÂNCIA E LIBERDADE

UMA HISTÓRIA AMBIENTAL  
DAS IDEIAS POLÍTICAS

Tradução de Fabio Mascaro Querido



## SUMÁRIO

Introdução .....	9
1. Crítica da razão ecológica .....	17
O tecido da liberdade.....	17
A outra história. Ecologia e questão social .....	22
Por uma história ambiental das ideias.....	25
Subsistir, habitar, conhecer.....	29
Autonomia e abundância .....	35
2. Soberania e propriedade. A filosofia política e a terra .....	45
As <i>affordances</i> políticas da terra .....	45
Grotius: o Império e a posse.....	52
Locke: o cidadão melhorador .....	60
3. O grão e o mercado. Ordem mercantil e economia orgânica no século XVIII.....	71
O bom uso da terra .....	71
O reino agrário dos fisiocratas .....	74
O pacto liberal: Adam Smith .....	81
Dois tipos de crescimento .....	87
Fichte: a ubiquidade dos modernos .....	92
4. O novo regime ecológico.....	99
De um liberalismo a outro .....	99
Os paradoxos da autonomia: Guizot .....	104
Os paradoxos da abundância: Jevons .....	110

Extrações coloniais.....	116
A autonomia-extração: Tocqueville.....	121
5. A democracia industrial. De Proudhon a Durkheim.....	127
Revoluções e indústria.....	127
Propriedade e trabalho.....	129
Proudhon, crítico do pacto liberal.....	134
O idioma da fraternidade.....	139
Durkheim: “carbon sociology”.....	141
As <i>affordances</i> políticas do carvão.....	151
6. A hipótese tecnocrática. Saint-Simon e Veblen.....	157
Fluxos de matéria e arranjos de mercado.....	157
Saint Simon: uma nova arte social.....	161
A normatividade técnica dos modernos.....	165
O desnudamento do esquema produtivo.....	169
Veblen e o culto da eficiência.....	172
O engenheiro e a propriedade.....	177
7. A natureza em uma sociedade de mercado.....	189
Marx, pensador da autonomia.....	189
O bom uso da floresta.....	193
Tecnologia e agronomia.....	196
A conquista do globo.....	203
Karl Polanyi: proteger a sociedade, proteger a natureza.....	207
O desengate.....	212
Socialismo, liberalismo, conservadorismo.....	215
8. A grande aceleração e o eclipse da natureza.....	227
Freedom from want.....	227
Emancipação e aceleração: Herbert Marcuse.....	231
Petróleo e átomo: as energias invisíveis.....	237
9. Riscos e limites: o fim das certezas.....	247
Alertas e controvérsias.....	247
Crítica do desenvolvimento e naturalismo político.....	250

O risco e a reinvenção da autonomia.....	261
O impasse: entre <i>colapso</i> e <i>resiliência</i> .....	269
10. O fim da exceção moderna e a ecologia política.....	275
Simetrizações .....	275
Autoridade e composição .....	283
Sob o naturalismo, a produção.....	287
O intercâmbio ecológico desigual.....	295
Provincializar a crítica .....	301
Uma nova cartografia conceitual .....	307
11. A autoproteção da terra .....	311
A mutação das expectativas de justiça.....	311
A autonomia sem abundância .....	320
Rumo a um novo sujeito crítico .....	330
Conclusão. Reinventar a liberdade.....	339
Bibliografia.....	347
Índice onomástico .....	365

## INTRODUÇÃO

Durante o tempo necessário para escrever este livro, o observatório americano em Mauna Loa, Havái, indica que a concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera ultrapassou a marca das 400 partes por milhão e, em seguida, das 410 partes por milhão<sup>1</sup>. Essas medidas atestam que, na escala de uma atividade tão pequena quanto a redação de um livro de filosofia, a realidade ecológica se transforma silenciosamente em proporções espetaculares. Ressalte-se apenas que esse valor havia permanecido abaixo da marca de 300 partes por milhão ao longo de toda a história humana pré-industrial, e que o autor destas linhas nasceu quando a conta estava em 340 partes por milhão. Um estudo alemão bastante difundido mostrou também que a biomassa de insetos voadores foi reduzida em 76% em 27 anos<sup>2</sup>: apesar das medidas de proteção e da criação de áreas naturais, três quartos dos insetos desapareceram em poucas décadas. E isso ainda é apenas uma pista em meio a um vasto conjunto de pesquisas sobre a degradação dos solos, da água, das funções de polinização e de manutenção dos ecossistemas<sup>3</sup>, as quais indicam que a transformação da Terra ocorre agora em um ritmo comensurável com a duração de uma vida, e até mesmo de um simples projeto de escrita.

Ao longo do mesmo período de cinco anos, o cenário político global passou por transformações igualmente impressionantes. A ascensão ao

---

<sup>1</sup> Ver o site da National Oceanic and Atmospheric Administration: <[www.esrl.noaa.gov/gmd/ccgg/trends](http://www.esrl.noaa.gov/gmd/ccgg/trends)>.

<sup>2</sup> Caspar A. Hallmann et al., “More than 75 percent decline over 27 years in total flying insect biomass in protected areas”, *PLoS ONE*, v. 12, n. 10, 2017.

<sup>3</sup> Ver especialmente os trabalhos da Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services IPBES: <[www.ipbes.net](http://www.ipbes.net)>.

poder de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2017, de Jair Bolsonaro no Brasil, em 2019, mas também a vitória dos partidários do Brexit, em junho de 2016, são os marcos mais claros de uma série de acontecimentos frequentemente interpretados como a desintegração da ordem liberal. Em vários lugares do mundo, um movimento de retorno às fronteiras e de conservadorismo social enlaça certos perdedores do globalismo desesperadamente à procura de novos protetores e as elites econômicas determinadas a envolver os povos no jogo da rivalidade entre as nações, a fim de preservar a acumulação de capital. Antes, porém, os acordos de Paris, assinados com entusiasmo geral em dezembro de 2015, deixavam entrever a emergência de uma diplomacia de novo tipo, responsável por trazer o concerto das nações para a era do clima. Apesar das fragilidades constitutivas desse acordo, é essa articulação entre cooperação diplomática e política climática que os novos mestres do caos atacaram: fora de cogitação, assim, a ideia de se fundar uma ordem mundial levando-se em conta a limitação da economia.

Ainda durante esse mesmo período, assistimos à multiplicação de frentes de contestação social que questionam o estado da Terra. As últimas correções deste livro foram feitas no ritmo das mobilizações dos “coletes amarelos” na França, desencadeadas – não se pode esquecer – por uma proposta de imposto sobre o combustível. A invenção de uma nova relação com o território, no âmbito da ZAD de Notre-Dame-des-Landes, ou por ocasião do conflito entre os habitantes da reserva indígena Standing Rock e o projeto do oleoduto em Dakota, se iniciou no momento em que eu começava, em meus seminários, a estabelecer os vínculos entre a história do pensamento político moderno e a questão dos recursos, do habitat e, mais amplamente, das condições materiais de existência. A atualidade, em suma, confirma e alimenta sem cessar a ideia de uma reorientação dos conflitos sociais em torno da subsistência humana. Mas, ao lado de tudo isso, ao lado das marchas climáticas, dos discursos de Greta Thunberg e das operações de desobediência realizadas pela Extinction Rebellion em Londres, há também o Haiti, Porto Rico, Houston: a intensificação dos furacões tropicais e a falência das respostas governamentais transformaram a vulnerabilidade climática no indicador de desigualdades sociais cada vez mais politizadas. A distribuição das riquezas, dos riscos e das medidas de proteção nos obriga a compreender no mesmo passo o destino das coisas, dos povos, das leis e das máquinas que os enlaçam.

Cinco anos são suficientes, assim, para se observarem grandes mutações. Cinco anos são suficientes para que olhemos para um passado ainda que próximo como um universo totalmente diferente daquele no qual agora evoluímos, e para o qual jamais voltaremos. A velocidade desses desenvolvimentos nos coloca diante de uma questão mais sombria: onde estaremos quando mais cinco anos tiverem transcorrido?

Este livro é a um só tempo uma investigação sobre as origens e o significado desses acontecimentos e uma de suas múltiplas manifestações – microscópica, sem dúvida. Ele ganha sentido nesse contexto de mudanças ecológicas, políticas e sociais globais cuja importância percebemos de forma confusa, sem, porém, ainda sabermos muito bem como descrevê-las, e muito menos como transcrevê-las em linguagem teórica. Em certo sentido, este trabalho consiste em inserir a prática da filosofia nessa história, recalibrar seus métodos – ou seja, o tipo de atenção que confere ao mundo – em função dessas mutações.

Ele se apresenta como um longo desvio histórico e conceitual, abrangendo vários séculos e formas de conhecimento bastante diferentes umas das outras. Esse desvio pode ser resumido da seguinte forma: para entender o que está acontecendo com o planeta, bem como as consequências políticas dessa evolução, é preciso retornar às formas de ocupação do espaço e do uso da terra vigentes nas sociedades da primeira modernidade ocidental. A implementação da soberania territorial do Estado, os instrumentos de conquista e de aprimoramento do solo, mas também as lutas sociais ocorridas nessas circunstâncias – tudo isso forma a base de uma relação coletiva com as coisas da qual vivemos hoje os últimos momentos. Antes mesmo do início efetivo da corrida pela extração de recursos, que se sobrepôs, no século XIX, às noções de progresso e de desenvolvimento material, uma parte das coordenadas jurídicas, morais e científicas da relação moderna com a terra já estava implantada. Em outras palavras, para compreender os impérios do petróleo, as lutas por justiça ambiental e as curvas perturbadoras da climatologia, é preciso voltar à agronomia, ao direito e ao pensamento econômico dos séculos XVII e XVIII; a Grotius, a Locke, aos fisiocratas. Para compreender nossa incapacidade de impor restrições à economia em nome da proteção de nossa subsistência e de nossos ideais de igualdade, é preciso retornar à questão social do século XIX e ao modo como a indústria afetou as representações coletivas da emancipação. Os debates atuais sobre a biodiversidade, o crescimento e o estatuto da natureza selvagem são apenas